

Transbordamentos da opressão: uma leitura de *A hora dos ruminantes*

Cleide Rita Silvério de Almeida*

Mariangelica Arone**

Alexsandro Junior de Santana***

Introdução

Iniciamos a nossa jornada fazendo uma visita a um lugar fictício e atemporal: Manarairema. Embora na obra *A hora dos ruminantes* o autor não defina o espaço e o tempo, trata-se da narrativa da vida dos habitantes dessa cidade, que passam a ter seu cotidiano alterado pela chegada de forasteiros. O povoado apresenta características de área rural, onde o sol se põe por trás da serra, a friagem sobe do rio com a ajuda dos ventos e invade as casas. Lá, podem-se escutar os sons dos grilos, dos sapos e dos morcegos durante a noite. Sobre o rio há uma ponte que liga a cidade com outras localidades. Com uma tranquilidade avassaladora, os cidadãos de Manarairema têm suas próprias rotinas do “tomar café, do regar a horta, do varrer a casa, do arrear o cavalo [...]” (VEIGA, 1994, p. 34).

Como essa localidade não apresenta especificidade geográfica e histórica, podemos compreendê-la como uma metáfora de qualquer tempo e lugar onde acontecimentos inesperados, sinistros e perturbadores podem ocorrer. O autor nos conduz a este raciocínio lúgubre logo nos parágrafos iniciais, quando em três momentos fala da noite, sendo que no primeiro o termo “noite” é empregado como o

* Pós-doutorado pelo Centro de Estudos Transdisciplinares Sociologia, Antropologia e História (CETSAH) Paris (França). Doutora em Educação pela USP e Mestre em Educação pela PUC/SP. Bacharel e Licenciada em Filosofia pela PUC-SP. Pesquisadora em Educação e Complexidade.

E-mail: cledea@uol.com.br

** Doutora em Educação pela UNINOVE/SP. Mestre em Educação pela PUC/SP. Especialista em Didática em Ensino Superior UNICSUL/SP. Graduada em Pedagogia pela UNINOVE/SP. Atualmente é professora do ensino superior e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Complexidade (GEPEC).

E-mail: angelicarone@yahoo.com.br

*** Doutor e mestre em Educação pela UNINOVE/SP, com bolsa CAPES. Pós-graduado em Comunicação e Cultura pela PUC/SP, Bacharel em Teologia pela UNISAL/SP e Licenciado em Filosofia pelo INSAF/PE. Integra o grupo de pesquisa em educação e complexidade (GRUPEC) da UNINOVE/SP.

E-mail: alexsandro.jr.santana@gmail.com

período que se estende do pôr do sol ao amanhecer, mas em cada etapa da abordagem a noite vai sendo ressignificada. A frase que abre a história é: “A noite chegava cedo em Manaraiema” (VEIGA, 1994, p. 1), aludindo ao período em que se inicia o escurecer, pois não mais se desfruta da luz solar. Na abertura do segundo parágrafo, o significado de “noite” apresenta outra densidade e espessura: “Manaraiema ao cair da noite – anúncios, prenúncios, bulícios” (VEIGA, 1994, p. 1). O autor aprofunda sua narração ao dizer: “Palpites de sapos em conferência, grilos afiando ferros, morcegos costurando a êsmo, estendendo panos pretos, enfeitando o largo para alguma festa soturna [...] Manaraiema vai sofrer a noite” (VEIGA, 1994, p. 1, grifos nossos).

Quando a rotina começa a ser alterada

Observamos, a princípio, o estranhamento dos habitantes do povoado com a chegada dos forasteiros, e na sequência com a invasão de cachorros e de bois. A rotina da cidade e o comportamento dos moradores são alterados por essa presença, principalmente pelo não reconhecimento de algo que não esperavam e que provocou neles a curiosidade, a preocupação e as tentativas de contato, o que gerou desconforto e a busca por entender quem eram e o que queriam os forasteiros. Assim, “Manaraiema foi dormir pensando nos vizinhos esquivos e fazendo planos para tratar com eles quando chegasse a ocasião” (VEIGA, 1994, p. 5).

Pode-se dizer que, quando escutavam e viam, interpretavam a partir de sua cosmovisão, como neste exemplo: “Podia ser carregamento de toucinho, mantimento escasso. Enquanto esperavam a confirmação, acenderam cigarros, otimistas” (VEIGA, 1994, p. 2). O trecho mostra sua visão somente a partir daquilo que é conhecido, um conhecimento empírico adquirido por meio de suas experiências, isto é, a chegada de comida. É como se tais habitantes estivessem esperando pelo novo, mas não o imaginavam fora do que era costumeiro. Porém, quando veem o novo, frutifica-se o estranhamento: “Dez cargueiros sumindo na estrada certa, sem desvio? Era preciso uma explicação, o assunto não podia ficar no ar” (VEIGA, 1994, p. 2).

De modo que surgem novas tentativas de explicação pelos habitantes: “Era vontade demais de ver cargueiro com toucinho. Quando a gente quer muito ver uma coisa, acaba vendo em pensamento” (VEIGA, 1994, p. 13). Mas, aparecem novos dados que indicam que os animais estão soltos; há pouca capacidade de enxergar na escuridão, como também surgem outros enunciados, tais como:

– Agora que vocês estão falando, eu disse que tinha visto porque não quis contrariar. O que eu vi mesmo foi uns vultos embolados, não posso dizer que eram cargueiros. No escuro toda corda é cobra, todo padre é frade, como diz o ditado (VEIGA, 1994, p. 3).

Nenhuma destas explicações, contudo, é satisfatória, trazendo inquietação aos moradores: “Mas problema enterrado é problema plantado, se diz” (VEIGA, 1994, p. 3). Diante disso, o que observamos é que mesmo aquilo que é familiar provoca desassossego e angústia.

Para além de simplesmente compartilhar um espaço de estranhamento e inquietação, uma crise de identidade nos moradores é desencadeada com a chegada dos forasteiros, colocando em xeque pessoas que tinham consciência de si.

A janela como observatório do mundo

Em Manaraima, a janela era o lugar predileto para ver o que acontecia na cidade, um observatório do mundo, por assim dizer. De lá se podia bisbilhotar a vida alheia, ver quem estava indo e quem estava chegando. A janela era fonte de informações.

Ao longo do enredo, vemos a janela como um lugar de interação entre as personagens. Na primeira parte, intitulada “A chegada” (p. 1), podemos perceber que é pela janela que os habitantes observam com curiosidade a chegada dos homens da tapera:

Quem tinha janela com vista para o acampamento não arredava de perto, quando saía era só o tempo de correr ao fogão, tomar um gole de café no bico mesmo da cafeteira e voltar correndo para o posto. Ninguém almoçou direito, receando perder grandes acontecimentos enquanto estivesse à mesa, quem comeu alguma coisa foi em pé diante da janela, geralmente um simples pedaço de linguiça ou de carne espetado num garfo e passado ligeiramente na farinha, os olhos sempre no acampamento (VEIGA, 1994, p. 4-5).

É também pela janela que, no capítulo “O Dia dos cachorros” (p. 33), os cidadãos de Manaraima olham com temor a chegada daquela turba de animais: “As pessoas correram para as janelas, as cercas, os barrancos e viram aquela enxurrada avançando rumo à ponte, cobrindo buracos, subindo rampas, contornando pedras, aos destrambelhos, latindo sempre” (VEIGA, 1994, p. 34).

No capítulo “O Dia dos bois” (VEIGA, 1994, p. 83), a janela é mais uma vez utilizada para saber o que se passa na cidade: “Quando se abria uma janela não se

conseguia mais fechá-la, não havia força que empurrasse para trás aquela massa elástica de chifres, cabeças e pescoços que vinha preencher o espaço” (VEIGA, 1994, p. 84).

A partir desse momento as janelas adquirem novo significado: elas agora são um ponto de resistência e de solidariedade, uma vez que não se podia sair mais de casa com as ruas e passagens bloqueadas pelos bois.

Nesse cenário desolador, Manaraiema vivencia um estado de isolamento social completo, que é descrito da seguinte forma:

Vivendo como prisioneiros em suas próprias casas as pessoas olhavam suas próprias roupas nos cabides, os sapatos debaixo das camas e suspiravam pensando se voltaria ainda o dia de poderem usar aquilo novamente. As notícias não eram boas, de toda parte vinham informes desoladores (VEIGA, 1994, p. 88).

A situação na cidade estava cada vez mais complicada, o alimento e a água estavam acabando. Uma corrente de solidariedade é formada, os meninos são organizados em grupos para poderem se deslocar por sobre os bois e, entrando pelas janelas, eles levam e trazem alimentos. Ganha-se um pequeno fôlego, para sobreviver mais uns dias.

O tempo passa e a situação parece não ter fim. Contudo, algo misterioso acontece: tanto os bois como os homens da tapera vão embora e é pela janela que se pode perceber tal novidade.

De repente, a descoberta. Gente não se contendo e abrindo a janela, ainda receosa mas já esperanças. O espanto, a incredulidade – a alegria. O céu claro, as ruas limpas, o lugar purificando o lamaçal de esterco e urina. Era possível? Era verdade? Gente chamando gente, sacudindo gente, arrastando gente para ver, todas as janelas se abrindo, por todos os lados a claridade, o desafogo (VEIGA, 1994, p. 95).

Pelas janelas transbordam emoções, esperanças e medos. Vivenciam-se tempos difíceis e incertos que provocam as mais variadas sensações entre a população. Manaraiema reflete o mundo que espera a esperança tornar-se realidade, de volta ao começo, de poderem encontrar-se sem medo de novas invasões.

O medo e a opressão

A cidade é cercada de mistérios. Em toda a obra não existe o que se poderia chamar propriamente de discurso da opressão, mas situações em que personagens de fora suscitam reações diversas nos moradores, como medo, indiferença, coragem, apatia. Assim, o tema aparece num primeiro momento, colocando em risco identidades definidas, revelando-se quando personagens como Amâncio, no papel de interlocutor dos homens da tapera e o morador que fora solicitado a executar um serviço aos forasteiros, deixa veladas as ameaças: “- Está brincando com fogo, Manuel. Os homens estão por aqui com você” (VEIGA, 1994, p. 46). E, num segundo, desestabilizando os comportamentos sociais locais:

Quem havia de dizer que Manarairrema ia mudar em tão pouco tempo... Antigamente a gente vivia descansado, sossegado, dormia e acordava e achava tudo no lugar certo, não era preciso pensar nada adiantado. Hoje a gente pensa até para dar bom-dia. O que foi que nós fizemos para acontecer isso? (VEIGA, 1994, p. 47).

São dois momentos em que se revela o estranhamento, a sensação desagradável que transborda a capacidade de aproximação dos habitantes com os homens da tapera, e acima de tudo a opressão, carregada de simbolismo em como confrontar, organizar adequadamente esse sentimento com as mais diversas reações.

Isso nos faz lembrar um dos períodos mais obscuros da história do nosso país, o regime de exceção vivido durante 21 anos (1964-1985), em que imperava o conservadorismo e a violência do regime militar, sobretudo em relação à restrição da liberdade, representada por ações baseadas em censura, vigilância, tortura sistemática, prisões ilegais e desaparecimentos.

Desse tempo, a obra traz os significados que o ser humano atribui a suas lutas pela sobrevivência e os sentidos que revela em suas utopias para si, para os outros e para o mundo em que vive.

A noção de medo aparece primeiro quando tentam entrar em contato com os estranhos, representados aqui pelos cachorros, que deixavam de ser, como diz o ditado, “o melhor amigo do homem”, para se tornarem o torturador.

Gente se amontoava nas janelas assoviando para eles, estalando os dedos, esticando a mão para alisa-los com medo, é verdade, mas desejando receber um abano de rabo. Muitos iam à cozinha buscar qualquer coisa de comer para jogar aos pés deles. De repente ficou parecendo que todo mundo adorava cachorro, quanto mais melhor, e só tinha na vida a preocupação de fazê-los felizes. Se uma criança desavisada apanhava o chicote preparado pelo pai e

ameaçava um cachorro mais atrevido, era imediatamente obstada e castigada com o mesmo chicote (VEIGA, 1994, p. 36-37).

Em seguida, o medo aparece na reação aos forasteiros, que se apresenta muitas vezes de maneira violenta e desagradável: “Meu medo é que os homens queiram tirar vingança” (VEIGA, 1994, p. 52). Contudo, os habitantes supõem que o medo aparece também nos homens que vão embora:

- Abriram o pala de madrugada.

- Mas por quê?

- Acho que foi de medo. Andavam muito assustados.

- Medo de quê?

- Sei lá. De tudo. De nós. Quero dizer, de vocês (VEIGA, 1994, p. 100-101).

O que se pode chamar de vestígio do medo foi buscado a partir das atitudes de inferioridade e sujeição em que os moradores da cidade se colocaram, por acreditar que os estranhos eram pessoas superiores, pois era considerado o conhecimento que eles tinham a mais que o povo e a crença de que eles estavam a serviço do progresso. Essa ideia fica ainda mais evidente quando Amâncio, ao ser questionado, responde:

- Ninguém veio cheirar nada. Eles vieram trabalhar, trazer progresso. Se o povo não entende, e fica de pé atrás, a culpa é do atraso, que é grande. Mas eles vão trabalhar assim mesmo, vão tocar para a frente de qualquer maneira. Quem não gostar coma menos (VEIGA, 1994, p. 39).

Fica evidente na explicação de Amâncio a justificativa do mau comportamento dos forasteiros em decorrência do almejado progresso, o que suscita nos moradores dois processos. O primeiro obriga-os a aceitar todas as ações dos forasteiros, em busca de soluções novas para suas vidas. O segundo se concentra na justificativa de um sentir-se mal e um pensamento de que a cidade está com atraso de desenvolvimento e, portanto, faz-se necessário aderir a uma salvação providencial. De maneira efetiva isto se manifesta quando aparece a explicação: “- Se todo mundo aqui fosse como eles, Manarairema seria um pedaço de céu, ou uma nação estrangeira”

(VEIGA, 1994, p. 25). Essa desastrosa ideia de insuficiência conduz os moradores a uma relação subalterna de convívio com os estranhos.

Assim, pela privação de conhecimentos dos moradores, pelo domínio dos forasteiros, a inquietação e o medo se alastram e se verificam até nas condições físicas dos moradores:

Ainda rindo, o homem saiu andando com passos de bêbedo, pisando em cigarros, machucando rodilhas, e propositalmente ou não deu uma bicanca na caixa. Mandovi parou com as duas mãozinhas no chão, olhou e viu dois homens de muitas pernas, andaimes, vigas móveis tremendo, indo embora (VEIGA, 1994, p. 49).

Além destas questões, destacamos as relações entre os forasteiros e o povo local, tais como a demonstração de autoridade, explicitada na negociação da carroça de Geminiano, quando seu interlocutor diz: “um momento rapaz. – Quando um burro fala, o outro pára para escutar” (VEIGA, 1994, p. 7). Os moradores reagem, mostrando que foram forçados a dobrar-se perante a autoridade quando, por exemplo, em determinado momento de irritação, Geminiano diz: “o meu remédio é um tiro na cabeça, um copo de veneno [...] – Tem jeito não, Dildélio. Vou levar a areia. Tenho de levar. É minha sina” (VEIGA, 1994, p. 30).

A falta de perspectiva imposta pelos homens da tapera, limitando e determinando os comportamentos e acontecimentos na cidade, cria demonstrações de subserviência até em lideranças como o comerciante Amâncio Mendes que revela o poder e a autoridade dos forasteiros ao falar: “Compadre, eu vou lhe dizer uma coisa. Todo mundo estava comendo gambá errado” (VEIGA, 1994, p. 25).

O autor sugere a demonstração de força, poder e autoridade, que nenhum momento o texto nomeia ou explicita, mas que nos conta por meio das ações dos personagens, que dão alguns indícios da metáfora, dentre elas a possível relação entre a chegada dos forasteiros e a chegada do regime militar.

Na parte inicial do livro não fica clara a realidade da chegada; já na segunda, com a chegada dos cachorros, ela é perceptível:

O derrame de cachorros foi o primeiro sinal forte de que os homens não eram aqueles anjos que Amâncio estava querendo impingir. Mesmo se fizeram aquilo por simples brincadeira, mostraram completa desconsideração pelos direitos alheios (VEIGA, 1994, p. 33).

Nessa parte, em “O dia dos cachorros”, percebemos algumas questões importantes e as intenções dos homens da tapera, pela ação que propicia o princípio da violência e coerção, ao não se observarem os direitos alheios.

Desse modo, fica para nós que, como nos primeiros dias após o golpe e a invasão dos cachorros em Manarairêma, as pessoas tiveram de ficar “fechadas em casa, abanando-se contra a fumaça, enervadas com os latidos, as pessoas tapavam os ouvidos, pensavam que não conseguiam compreender aquela inversão da ordem” (VEIGA, 1994, p. 35). Na ficção tratada no romance e no contexto vivido no regime de 1964, a população ficou perplexa diante da alteração da ordem, o que de certa forma provocou um efeito emocional, pois “a ordem era respeitar os cachorros. Foi um tempo difícil aquele para os puros, os ingênuos, os de boa memória” (VEIGA, 1994, p. 37).

A tirania

Se acontecer afinal/De entrar em nosso quintal

A palavra tirania

Pegue o tambor e o ganzá/Vamos pra rua gritar

A palavra utopia (SAMBA DA UTOPIA, 2018).

A relação entre *A hora dos ruminantes* e a realidade dos tempos de chumbo da ditadura também se faz presente na subserviência do povo da cidade perante os forasteiros a quem os cachorros serviam, evidenciada nos trechos:

[...] cachorros estranhos dormindo nas passagens eram respeitados mais que crianças ou velhos... [...] Qualquer cachorro pelado, sujo, sarnento, contanto que fosse estranho, encontrava quem o elogiasse por qualidades que ninguém via mas que todos confirmavam (VEIGA, 1994, p. 37).

Para além destas questões aparece a demonstração de autoridade dos “homens da tapera” sobre os habitantes de Manarairêma, ao impor o medo a seus apoiadores, que são forçados a enfrentar suas reais condições de vida e interceder junto aos demais moradores. A compreensão desse contexto talvez seja uma das grandes evidências do livro, no sentido de demonstrar suas representações do período de

1964, por exemplo, na saudação de Amâncio quando da chegada do homem da tapera: “Grande honra! Dê as ordens, major” (VEIGA, 1994, p. 44).

Podemos entender que a pressão se fez presente no povo da cidade, mais ainda quando o morador Manuel Florêncio se recusa a reformar a carroça para os forasteiros, argumentando: “Ora essa! Em que terra nós estamos? Onde estão os meus direitos? Quem não deve não teme” (VEIGA, 1994, p. 47). Tal fala é rebatida pelo intercessor Amâncio:

- Aí é que está o seu erro. Você fala como se não tivesse acontecido nada. Direitos? Que direitos! Quem não deve não teme! Tudo isso já morreu. Hoje em dia não é preciso dever para temer. Por que é que você acha que eu estou aqui pedindo, implorando, me rebaixando? Eu devo alguma coisa? E você já me viu com medo algum dia? Você precisa entender que não estamos mais naquele tempo... (VEIGA, 1994, p. 47).

Esse diálogo poderia ter sido feito no período do regime militar por qualquer cidadão brasileiro.

O livro evidencia situações em que os moradores reivindicam seus direitos, como no caso de Manuel Florêncio, mas também que outras pessoas desconhecem a efetivação da cidadania, quando há injustiças, opressão, autoritarismo etc.

Em outras situações vividas aparece a resistência de Apolinário, um dos poucos em Manaraima determinado a não ceder aos abusos dos homens da tapera. Estes assumem posição autoritária, num processo de construção da intencionalidade, para fazer com que Apolinário recue: “- Você está cansando o depoente sem nenhum proveito prático. Em vez de entrar logo no assunto você fica ciscando” (VEIGA, 1994, p. 70).

Do nosso ponto de vista, por meio do realismo fantástico são representados no romance *A hora dos ruminantes* questões e desafios como o medo do desconhecido, do novo, do progresso, da opressão, aliados à inquietação e ao estranhamento comuns aos tempos atuais.

Reverberando os trasbordamentos e procurando vestígios

Em Manaraima, que um dia foi um lugar pacato, onde a existência se desenrolava de maneira trivial, com acontecimentos pautados pela repetição e regularidade, os cidadãos experimentavam cotidianamente a ordem estabelecida tanto em sua existência como na sobrevivência e manutenção de suas vidas, com

hábitos, costumes e conversas rotineiras, sem sobressaltos ou indagações que questionassem esse equilíbrio. Expressavam-se de forma simples, com ditados populares que apresentavam uma ideia já construída e, assim, não era necessário elaborar um novo pensamento. Bastava recorrer ao que estava pronto e instituído, sem necessidade de uma nova construção mental, na medida em que as expressões esclareciam um ponto de vista. A expressão oral baseada nesta sabedoria traduzia ideias e atitudes, tais como: “esperteza se vence com esperteza” (VEIGA, 1994, p. 3); “no escuro toda corda é cobra, todo padre é frade” (VEIGA, 1994, p. 3); “quando um burro fala, o outro pára para escutar” (VEIGA, 1994, p. 7); “quando um não quer, dois não brigam” (VEIGA, 1994, p. 11).

Havia uma maneira de conceber e viver a vida e uma rotina estabelecida. Até que em determinada noite avistaram cargueiros na estrada e o imprevisto aconteceu, causando muita agitação e transtorno. Essa chegada foi a primeira manifestação que causaria rachadura na programação cotidiana dos habitantes de Manarairé. Se, de certa forma, tudo se realizava quase que automaticamente, como ficaria a rotina agora, com a infiltração da desordem? O que antes era ordenado começa a se desestabilizar, caminhando em direção ao caos. Os homens da tapera constituem-se como uma instância repressiva e de controle dos cidadãos, manipulando-os sorrateiramente desde a sua chegada. Os habitantes vão se envolvendo pouco a pouco em uma teia que começa a provocar o transbordamento das margens e dos limites de cada pessoa e daquela comunidade que gradativamente sofre o aumento do volume da opressão que se instaura.

Nessa situação determinada, os homens da tapera, os cachorros e os bois podem representar o autoritarismo, ideais antidemocráticos e ditatoriais, violência, opressão etc. Mas aquela situação também pode ser relacionada com outras com as quais guarda semelhança. Os homens da tapera exerciam uma centralização do poder sem abertura para o diálogo, bem como usavam de violência, como fizeram com Pedrinho (VEIGA, 1994, p. 89-91) e Geminiano.

Assim como as águas de um rio vão subindo pouco a pouco até ultrapassar as margens, da mesma forma o poder se instalou na cidade, crescendo de maneira implícita ou explícita e provocando esse ir além que dispararia todos os sinais de alarme e emergência.

Mas, assim como chegaram, os homens se foram... E então perguntamos: se a violência repercutiu nas pessoas, quais os sinais que podemos captar para inferir que ainda era possível olhar para um futuro diferente? Foi possível identificar algum vestígio de resistência?

Resistênciam e indignaçãom diante da opressãom

Manarairerem se via inerte perante as invasões. Seus moradores nãom sabiam mais o que fazer ou pensar. O que restava agora era aceitar a situaçãom e tentar sobreviver como fosse possível. Naquele momento, nenhuma forçam interna ou externa poderia ajudá-los a sair daquele pesadelo real.

Tal situaçãom encontra reverberaçãom nas ideias de Hessel (2011), em seu texto *Indignai-vos!* Diante da indiferençam pela vida, pela sociedade e pela democracia, é preciso indignar-se. Segundo esse autor: “A indignaçãom, é verdade, costuma estar atrelada a um atroz sentimento de solidãom, já que ela é [...] ‘a responsabilidade do indivíduo que nãom pode confiar em um poder ou em um deus” (HESSEL, 2011, p. 5).

Manarairerem vivencia uma realidade insuportável, pois seus habitantes nãom conseguiam perceber a grave situaçãom em que se encontravam. O isolamento, a violênciam e a morte compõem uma paisagem que outrora era pacífica. Ao nãom saberem as intenções dos homens da tapera, os manarairenses comportam-se de maneira passiva, nãom arriscam um conflito direto. Diante deste cenário, qualquer ato de resistênciam parece nãom ganhar forçam, pois nãom se identifica o que deve ser combatido.

A maioria dos moradores de Manarairerem decide esperar trancafiada em casa, sem saber o que se passa na cidade, sem saber da real gravidade da situaçãom. Porém, pequenos grupos se organizam e, por meio dos meninos, que se equilibravam sobre os bois, começam um movimento de resistênciam. Uma resistênciam solidária na doaçãom e partilha de alimentos e água. Na resistênciam comunicativa, que traz e leva mensagens.

Mesmo diante das realidades mais desafiantes é possível resistir. Na memória – primeiro lugar de resistênciam, na medida em que lembravam dos dias de paz – os moradores buscavam pensamentos e ações que pudessem enfrentar a opressãom e a morte. Indignar-se diante da situaçãom que reduz a nada a dignidade humana. Indignar-se pelos maus-tratos dos homens da tapera, que desejam a submissãom dos habitantes da cidade. Indignar-se pelas mordidas diárias dos cachorros, pelos mortos pisados pelos pés de pilãom dos bois.

Considerações finais

Enquanto realismo fantástico na literatura brasileira, a obra *A hora dos ruminantes* revela, por fim, o apelo ao absurdo e à estranheza de situações e personagens como normatizaçãom de uma racionalidade que, de tão naturalizada, já nãom é sequer percebida como tal. É importante, sob esse aspecto, destacar o debate e

o modo como a sociedade manarairense caminha e seu momento histórico. A lógica da opressão opera, como vimos, por coerção e ameaça, sendo esta abarrotada de um mandonismo abusivo e velado, em que o destinatário quase sempre recebia as mensagens que lhe eram dirigidas por intermédio daqueles que estavam sob a sujeição do grupo de poder.

Vale mencionar, quanto a isso, a premissa de subjugação de Foucault (2008, p. 119), quando ressalta:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. [...] Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita.

As intervenções coercivas que conduzem as pessoas a serem submissas e úteis são desenvolvidas pelos propósitos do grupo do poder que se especializou em técnicas de tortura, ações que desumanizam, rompem com a dignidade e quebram por dentro.

É possível depreender, diante disso, que a opressão pode produzir efeitos similares na população, introjetando subliminarmente uma janela conceitual na mente dos oprimidos. Uma visão de mundo em que seus moradores liam a realidade, a partir dos impactos que sofreram ao se depararem com a estranheza pelo novo e medo do inesperado. Esta janela nos mostrou seus valores, crenças, princípios, sua cosmovisão que apareciam nos eventos que mudaram a rotina do povoado. Por exemplo, quando perceberam a chegada dos forasteiros:

As pessoas acordavam, chegavam à janela para olhar o tempo antes de lavar o rosto e davam com a cena nova. [...] Seriam ciganos? Não estava parecendo. Cigano arma barraca espalhado e pendura panos por toda parte, em desordem; e aquelas lá acamparam em linha, duas fileiras certas, medidas, deixando uma espécie de largo no meio. Também cigano não usa ter cachorros, e aqueles tinham, de longe se via os bichos bodejando no capim, dando pulos e bocadas no ar, se perseguindo entre as barracas, espanando o ar com o rabo, alegres da vida, enquanto os homens andavam ativos carregando volumes, se consultando, sem tomar conhecimento da cidade ali perto. Seriam engenheiros? Mineradores? Gente do governo? (VEIGA, 1994, p. 4).

Nesse trecho percebemos que os moradores identificavam o já conhecido, e os forasteiros eram vistos como desconhecidos, diferentes das pessoas que eram, de certa forma, conhecidas, como os ciganos, engenheiros e mineradores.

As transformações que ocorreram com a chegada dos forasteiros em Manarairema decorrem do estranhamento da população ao ter seu cotidiano alterado e invadido por desconhecidos e pela dificuldade em compreender o que significavam tais ações.

De modo que, no episódio inesperado e repentino da invasão dos cachorros, perceberam que algo inusitado iria acontecer: “as pessoas ficaram sem saber o que pensar nem o que fazer, com medo de se descontraírem antes da hora e terem de repor a máscara às pressas” (VEIGA, 1994, p. 38). Nesse ponto, podem ser lidas por meio da metáfora da invasão dos cachorros as situações iniciais do regime militar, em que a tomada do governo do Brasil pelo Exército e o pouco entendimento da grande maioria da população fizeram com que ela não conseguisse enfrentar essa situação de risco nem quebrar as amarras que a cerceavam para alcançar a liberdade, restando apenas um assistir e um submeter-se às ordens das autoridades que governavam o país.

Por isso, não nos enganemos com a invasão dos bois aos poucos; os manarairenses não estão mais a lidar com o medo daquilo que não conhecem, pois perceberam o problema que se havia instalado. “A ocupação foi rápida e sem atropelo e quando o povo percebeu o que estava acontecendo já não era possível fazer nada [...]” (VEIGA, 1994, p. 83), e assim não conseguiram escapar, não enxergaram a realidade, pois os bois vigiam, privam, e aí de fato, as pessoas sentem a repressão.

Este controle que os homens da tapera exerciam pode ser lido com a contribuição dos estudos de Foucault (2008, p. 14):

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade, considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos.

Enfim, as formas de controle apontadas por Foucault (2008) repousam na direção da autoridade presente na obra *A hora dos ruminantes* e na privação de

liberdade provocada pela chegada dos homens da tapera e a invasão dos cachorros e bois na cidade de Manarairema, estabelecida pelas ordens, absorvida pela alta vigilância e dispositivos de quebra da autonomia dos sujeitos, direcionando-os a um estado de apatia.

Noutros termos, a visão que os moradores transmitem é que não estão às voltas com aquilo que Foucault (2008) chamou de “cuidado de si”. Dessa maneira, em decorrência da ameaça pelas invasões, não aparece no sujeito um trabalhar em si mesmo para ser livre, para seguir seus interesses e apostar em suas escolhas.

A perspectiva de cerceamento da liberdade na obra analisada aparece mais ainda com a invasão dos bois, que impede a população adulta de circular pela cidade; ao se sentirem incapazes de agir, instigam as crianças a fazer algo, e assim os meninos criam uma estratégia, locomovem-se sobre o gado e burlam o bloqueio.

É possível entrever, diante disso, que, sem compreender o que acontece, os personagens como um todo são manipulados pelo poder dos forasteiros, por meio de vigilância, proibição e punição, e passam a agir expondo as angústias características dos que estão sendo oprimidos, temendo as forças e o poder dos opressores.

Pode-se ver, ainda, o fato de que a estranheza não está apenas na chegada dos forasteiros e na invasão dos cachorros e bois, mas também, no comportamento dos animais que se assemelhou aos dos homens em vigiar e impor-se.

A narrativa mostra, em sentido literal e simbólico, a realidade como ela se constitui: de um lado, atos de resistência e de esperança; do outro, a manifestação do medo, da tirania e da violência, da opressão e da submissão. Isso posto, constata-se o lugar de destaque que ocuparam as crianças, numa coexistência da liberdade de expressão e da exposição da trajetória de vida e contexto social dos oprimidos, propiciando reflexões sobre a condição humana, representadas por suas ações, com elementos de resistência e coragem para enfrentar os opressores.

Com base nesse entendimento, observamos que esses personagens crianças tomam decisões, aventuram-se, e assim os modos de pensar, que até então condicionavam os sujeitos para um agir passivo, passam por diferentes estratégias, reinterpretações e reorganizações, mobilizando novas produções e a possibilidade de construir-se a si mesmo.

A percepção de mundo dos manarairenses convida-nos a reler o período da ditadura militar e a compreender nosso presente, por intermédio do qual percebemos e interpretamos o mundo.

Assim, a narrativa contida na obra *A hora dos ruminantes* remete a fatos do passado de nossa história, na época da ditadura militar, e funciona como uma estratégia para significar a vida destituída de sentido dos tempos pandêmicos atuais. Esse processo nos leva a inteligir nossa própria realidade e modificá-la, compreendendo um despertar reflexivo sobre a condição humana frente aos poderes que a governam, para uma tomada de decisão e a percepção de que a ideia de mundo transformado para melhor é o que alimenta nossa esperança de viver se não no melhor dos mundos, pelo menos num mundo melhor.

Referências

CÁLICE. Intérpretes: Chico Buarque e Milton Nascimento. Compositores: Gilberto Gil e Chico Buarque. In: CHICO 50 anos: o político. Intérprete: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Polygram, 1994. 1 CD, faixa 3 (4 min).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos**. São Paulo: Casa da Palavra, 2011.

SAMBA da utopia. Intérpretes: Jonathan Silva et al. Compositor: Jonathan Silva. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KDXX7m3iBzc>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

VEIGA, José J. **A hora dos ruminantes**. 29. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.